

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA  
28 de novembro de 2022

# LE RETOUR D'AFRIQUE / 1973

(*Regresso de África*)

um filme de Alain Tanner

**Realização:** Alain Tanner / **Argumento e Diálogos:** Alain Tanner / **Director de Fotografia:** Renato Berta, Carlo Varini / **Assistente de Realização:** Michel Schopfer, Bertrand Van Effentere / **Música:** João-Sebastião Bach / **Direcção de Orquestra:** Arié Dzierlatka / **Montagem:** Brigitte Sousselier, Marc Blavet / **Cenários:** Yanko Hodjjs, o poeta citado: Aimé Cesaire / **Interpretação:** Josée Destoop (Françoise), François Marthouret (Vincent), Juliet Berto.

**Produção:** Alain Tanner, Groupe 5 (Genebra), com a colaboração de SSR, Filmantrophe, Nouvelles éditions de films (Paris) / **Cópia:** dcp, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 107 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Satélite, 25 de Setembro de 1973.

---

Se **Le Retour d'Afrique** suscitou uma unânime decepção por parte da crítica, aquando da sua estreia, talvez isso se tivesse devido aos equívocos próprios da época.

Esperava-se de Tanner um salto em frente a partir das promessas sugeridas em **La Salamandre** e que tal evolução apontasse para uma explicitação dos vínculos ideológicos, clarificando as opções morais da narrativa. Mas hoje, à distância de cinquenta anos, afastados que estamos da ideia de que a derradeira alternativa das imagens cinematográficas – perante o monstro televisivo como portador de toda a alienação do mundo – deve assentar exclusivamente num compromisso com a realidade, privilegiando o seu pendor ético acima de qualquer outro, não só é difícil entrever a tão exaltada e propagada novidade intrínseca a **La Salamandre** – o filme revela-se mais como uma reciclagem de outras propostas cinematográficas (Antonioni, Truffaut, Rivette e Godard, um inevitável fantasma a pairar sobre a cabeça de Tanner) do que portador de novas sínteses ou inéditas derivas – como é improvável não louvar a concentração assumida em **Le Retour d'Afrique**. Provariam os tempos – e o imediatamente posterior **Le Milieu du Monde** – que tais caminhos desembocariam de forma irremediável em becos sem saída, soube-o logo a intuição de Tanner: "*A abstracção dada (...) em relação ao que poderia ter agradado em **La Salamandre**, foi deliberada. (...) Pondo tudo em causa, tentei uma viragem no plano cinematográfico. O êxito faz-me um pouco de medo. Aqui mantendo as distâncias.*"

Diz-se concentração como poderia ser acrescentado humildade. Limitam-se as atitudes e os sinais iconográficos a um punhado de referências que de imediato inscrevem aqueles personagens num meio e, sobretudo, num modo de estar: a figura do exilado que não pode seguir "tout droit" na auto-estrada porque está preso à liberdade suíça, o livro das edições Maspero, fulcrais na fundamentação da contestação francófona dos

anos 60, a roupa indiana de Françoise, sublinhando as tendências "hippies" da década, ou a profundamente irónica sequência de abertura, com todos os amigos sentados à mesa do café encetando uma discussão sobre o filme que acabavam de ver, mais tarde repetida, com pouca alteração nos ingredientes discursivos, na festa de despedida. Querendo demonstrar a impossibilidade da evasão, a narrativa restringe-se no tempo (a espera) e no espaço (o quarto onde se espera) e se é verdade que as características psicológicas, que tantos ansiavam por ver adensadas, se esbatem a favor de um didactismo, talvez demasiado explícito (as duas cenas da árvore: no início plantada pelo revoltado espanhol, no fim arrancada pelos agentes da autoridade), também não será menos verdade que a proposta cinematográfica de Tanner adquire mais espessura, ou, se quisermos, maior clareza formal: *"Não tenho a impressão de fazer cinema narrativo, pelo contrário, tento fazer um cinema não-narrativo. (...) Acho que a base da Pirâmide é uma história; (...) creio, no entanto, que tal não nos satisfaz hoje em dia"*.

Cineasta da ruptura, como já se subentendeu, Tanner confronta-se em **Le Retour d'Afrique** com a transparência quase teatral na encenação e no trabalho de actores. Tudo se passa onde o cinema não chega, no âmago daqueles personagens que se debatem, na excelente síntese de Buache, entre duas questões: *"Partir? Ou continuar e fazer um filho?"* Encerradas durante a maior parte do filme num sótão, esperando como sinal de partida uma carta que não vem – e será esta corrida louca a caixa do correio o único momento em que Tanner opta por multiplicar uma série de planos curtos, abdicando dos seus extensos planos sequência – prisioneiros da vergonha de encarar os amigos que os julgavam já em Argel, e durante a gigantesca eclipse de nove meses que eles evoluem decisivamente. Aquilo que nos é dado ver nunca passa, assim, de um efeito emocional de superfície, da, consequência de tudo que se passou nesse hiato de tempo que nos é ocultado. Haveria, portanto, que recorrer a uma extrema depuração cinematográfica que pusesse a nu esse irremediável vazio que vitima Vincent e Françoise – trata-se, obviamente de uma situação de todo agradável à estética e aos processos estilísticos de Tanner. Haveria também que escolher o elenco que melhor informasse esta proposta, ora, facto curioso, quem parece soçobrar – pela segurança do seu tom minimalista – é Josée Destoop, sobre o qual Tanner nunca teve dúvidas. Pelo contrário, François Marthouret, encontrado no fim de longas buscas, acaba por se inserir com maior intensidade no carácter frágil do seu personagem.

No fim **Le Retour d'Afrique** reduz-se a um jogo de cara ou coroa sobre os destinos do universo, jogado num apartamento de periferia sob as descolagens dos aviões que prometiam a evasão que nunca se deu. Torna-se provável que tenha sido esta falta de desespero, este conformismo perante o que no mundo é inelutável, anunciado por Tanner, que os seus detractores, talvez crentes em radiosos amanhã – 1974 seria no ano seguinte... – não gostassem...

José Navarro de Andrade

---

*Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico*